

THEATRO DO RIO NU

Collecção de monologos, cançõnetas, scenas comicas e poesias

A Chorar...

CANÇONETA

Nunca se a Rita... a Rita

Por não que finge
Não me esquece
Uma desgraça
Que aconteceu
E que a melmar, seismar...

Em memoria
Uma dozeella
A quem fallava
Da janella
Fã noite, cá da rua...

(Bate com a mão na boca e chora)

It! it! it!
Fera uma gata
Que, indo atraz
De enorme rata...

(Canta a queda da gata)

E os pernos dando
A rebolar
E afocinhando
O quanto andar
Caira espargada...

Mas a pequena,
—Que atrevida!
Ao ver a scena
A delambada
Enorme gargalhada...

Digam me agora
Ouvindo tal
Se alguém não chora
E se o meu mal
Não é pra ser chorado...

Em cinco e po,
Ris, pois, a historia
It! it! it!
Da grande zarigata
It! it! it!
Fique em memoria
It! it! it!
A galna, a gata, a gata
It! it! it!

AGUA EM CESTO

Quem é ali, de todo esse mundo
de leitores, que já viu ou já imagi-
nou um typo ideal de mulatinho?
Se alguém houve que o visse ou
que o imaginasse, fique desde já
sabendo que nunca imaginou e,
muito menos, que nunca viu como
que um de longe se parece com
aquella enfiada da Alice, a
mais esportada e a mais fanta-
sista de quantas mulatinhas exis-
tem por essa abençoada coisa que
se chama o Rio de Janeiro.

Alice, o requinte do goso e o
non plus ultra do corpo bem feito,
teve ultimamente a mais extraor-
dinária das phantasias! — apaixona-
se ou fez-se apaixonada por um
inglês.

O diabo era que a Alice não lhe
dava nem sigmas de deslocaente.

Quella mixto da filha de Eva
não era mais do que uma deliciosa
conversa. O inglês tinha algumas
farturas no fundo, e para Alice,
aquella vida calma e sosegada, com
confeito e com dinheiro, não era
isso a que mais a vezes chamamos
uma catopada.

O diabo era que ella não era de
branco e, como tal, a Inglaterra
sambria e morria, não satisfazia
completamente as exigencias do
seu sangue.

Era indispensavel um terceiro,
e o terceiro era o Alberto, um
brazileiro da gemma, moeno e
forte, com muito vigor e muita au-
dacia, possibndo uma bigode grande
e outra coisa ainda maior de que o
bigode.

Alberto e Alice badavam n'um
mar de rosas, na ausencia do sub-
dillo de Sua Magestade Graciosa, e
tantas vezes se permitiam coisas
bem extravagantes. O Alberto era
pouco entendido em linguas, mas
devo ao conhecimento da Alice,
já elle a dizendo a loce.

Um dia, o bife volta á casa mais
vedo e encontra o outro a dar de
buzão a uma coisa impossivel de
traduzir.

— Oh! diz elle, como é que mi-
ha de dar sabido? Então, se vou faz
e raminho esse. Ah! não trabalho
mais nesse officio. Posse raminho
muito bem!

E foi-se!

FOI PEIOR

Querendo o verho passar
Em lugar que hevesse fresco
Certoasal pittoresco
Cosa andava a procurar

Uma vivenda apezavel
Encotraram p'ra alugar,
Julgando enfim bem possivel
De melhor ella gosar

Mas o sol, forte qual brasa,
Era medonha, inculmente!
Dava nos fundos da casa,
Dava do lado e da frente...

Razão porque desgostoso,
Da mudança arrependido,
Andava a Casal queixoso
E já muito aborrecido.

Se acaso tinham vista
Os dois logo se queixavam:
— Ah! que calor! que deslira!
E logo se descuiavam.

Uma mudanca era urgente,
Tinham penacos profundos:
Era calor pela frente
E era calor pelos fundos!

Lingua, rabada e mão de vacca

Lord Cokki, era um inglez que
ligava se pelos laços matrimoniaes
a uma brazileira só pelo simples
facto de que esta sabia como não
gostar cozinhar á italiana.

O Lord apreciava mais um qui-
tute feito pela Coooca do que o
mais fino manjar que pudesse ha-
ver em todo o Universo.

Cada dia Coooca inventava um
quitute exquisito para satisfazer
os desejos do marido.

De uma occasião ella preparara
um patizado de lingua fresca com
rabada e currali.

Oh! que prato fino!
— Como gostam o marido dessa
petisqueira!...

O Inglez dissera, que jamais
concora um prato tão bem feito o
de tão boa paladar.

Dias depois Coooca resolveu
repetir o tal prato e avisou o ma-
rido de que elle a fazer com feijão
verde e não com currali.

O Inglez todo contente já tinha
a boca cheia d'agua só em pen-
sar na petisqueira.

— Mas, Lord, disse-lhe Coooca,
eu não tenho quem vá buscar
no açogueiro a lingua e a rabada,
por isso você mande o açogueiro
trazer.

— Oh!... sim, diz o Inglez.
No dia seguinte, na no estreito
do bond para a cidade, quando do
longe reparou que o caixeiro do
açogueiro estava em pé na porta.

Então, lembrou-se de, mesmo do
bond, fazer a encomenda no ca-
ixeiro, mas, não queria gritar do
bond, e então dando-lhe um passio
fiz o seguinte signal:

Levou o dedo á lingua, e em
seguinte movimento levou-o ao fundo
das costas.

O caixeiro que tomara taes si-
gnaes como um insulto a sua pes-
soa, não se conteve e desatou-lhe
com as armas da S. Francisco.

O Inglez, fido de riva, desce-
do bond e vai direito ao aço-
gueiro, que encostado ao balcão
ignorava o que se tinha passado.

E em linguagem muito atrapa-
lhada, explica ao açogueiro o
desforo do caixeiro.

Quando este ouviu o desenhoe
da comedia, não se pôde conter e
dê uma enorme gargalhada.

Ah! o Inglez deu o grande desce-
pero, exclamando:
— Oh!... você acha esse consa em
graçada!...

O açogueiro, a muito custo,
conseguio dominar a liberdade
que o acompanhava, e depois, to-
mando ares todas de seriedade,
explicou ao Inglez, bondosamente:

— Ah! mi lord, não se au-
gue L. Eu vou lhe explicar tudo!
Todo esse dessepero, parte sómente
do facto de mi lord não entender
nada. O meu caixeiro como é um
perfeito comprehender dessa lingua-
gem, julgando que tambem era
comprehendendo respondia ao pé da
letra. O meu caixeiro perguntava
se mi lord não queria tambem a...
mão... de... vacca!

DR. BOCCO.

A' CATITA

Não sei se é louca, mas penso
Que assim parece... Si a vejo
Ea sinto como um desejo
Pôr-me nos ares suspense.

Seductora como es gracas
Catita como a rolinda L.
Mim'alma presa adivinha
Uma futura desgraça.

Seu sorriso é uma aurora
Que tudo, tudo collora
Luz que vem do arrebol.

Por isso a todos fascina;
Mas qual será sua sina
Si uma nívem tapo o sol.

THEOMÉZINHO.

— Agradecido D. Xandeco,
mas não accerto.
— Como assim, não toma chá?
— Não senhora; tenho tanto em
pequeno, que agora não tenho mais
gosto...

— E' natural

MODINHAS BRAZILEIRAS

TENHO MEDO

Moreninha, eu tenho medo
dos teus olhos tão formosos,
dos teus olhos tão brilhantes,
como os astros luminosos:
Tenho medo que me fiam,
que me sejam perigosos!

Moreninha, eu tenho medo
dos teus labios purpurnos,
desses labios tão ingenuos,
que despertam doos hymnos,
Tenho medo que me matem
com sorrisos tão divinos!

Moreninha, eu tenho medo
do teu collo palpitante,
dessa collar metallico,
tão gentil e deslumbrante...
Tenho medo de perder me
d'um momento delirante!

Moreninha, eu tenho medo
do teu termo de coção?
Dessa fíbrea collada,
que me refreia a paixão?
Tenho medo, tanto de de-
dessa amor, dessa afecção!

Moreninha, eu tenho medo
desses traços de belleza
que fulguram nos teus labios,
que te dão a natureza!
Tenho medo que não ames
quem te adora com firmeza!

- No largo de S. Francisco:
— Boa noite, lua...
— Boa noite.
— Pode ser...
— Sim, Senhor;
— E' mais longe!
— Na travessa das Pavilhas...
— Mas... está se sem recibo!
— Pelos furios, firmemente.
— E' comigós.

O FIM DO MUNDO

Dizem que o mundo vai se acabar
Todo engulido por um cometa
E só o lastimo por não estar
Cosa a queridinha da Marietta.

Essa menina bella e fereta
Que desde o berço soube adorar
Da mesma forma que adora um poeta
No seu terrivel, triste sochar.

Ah! quem dera que antes do dia
Cheio de tanta negra agonia,
Podesse ao menos por um canudo
Ver essa coisa que a Marietta
N'uma paragem muito discreta
Tem tão naco como veludo.

(Barbaca).

O JOTA JENQUEIRA.

A viradessa esta no seu bé-
lella, com sua sujeita a seus pés. De-
repente arrebido passa:
— Cus! bura marido! exclama;
e, depois de uma pegarem
pauza, acrescenta vivamente, com
a cabeça perdida:
— O' melhor fugir que não nos
montecemos!

ETERNOS SONHOS!

Sonhos de decepções! Conheço
uma rapaz, casado por trez dias
lontro, que frequenta nos trez dias
quentes de carnaval, diversos Christ,
nos quaes tomou parte saliente em
alguns maxims. Quando ponde
conciliar o somno reparador de suas
extravaganias, representando em so-
nho algumas scenas mais enocio-
nantes, das suas conquistas, lá
para as 7 horas da manhã, teve
um sonho, cujo resultado foi pelar
do que um pesadello. Tinha ac-
bado de dançar uma valsa com
uma d'essas mulheres que fazem,
como por encanto, renunciar com
todo o entusiasmso possivel o velho
nada gosto.

Preparava um ataque decisivo e
estava reunida toda a sorte de ar-
timanhas para ir direito ao fim das
suas tentativas.

Ella que estava com uma rica
phantasia de sentir azul com lau-
teolhas douradas, tinha, na loutura
da valsa, arrebatado o corpete
de forma tal que estava deixando
vir, por descuido, coisas ndicra-
veis e furtas...

— Ora, elle não era de pelo e, mes-
mo que o fosse, talvez se conver-
tesse em fogo, n'essa occasião! Che-
go se elle e disse qualquer coisa
do ouvido. Elle, rapidamente, im-
perou o estrago feito na phantasia
e saltava n'abos da sala entrando
d'um corredor que não primava
pela claridade. Ah! ella não reja-
rou o estrago do corpete, muito ao
contrario, abriu o mais e deixou
vêr em toda a sua nudez, o que
elle entendia como que provocou
os desejos do seu par!

Elle, antes que occupasse aquella
optima occasião de dar expulso
nos seus desejos, pondo-a em pra-
tica, levou n'aqueilo tudo que ainda
adornava alguma riziela. A louta,
louto louto de collaria, era um...
era outra... e quando lá sellar o
peito, collando os seus labios nos
labios d'ella, sentiu uma fra ar-
gema perfumada e branda, com um
perfume que não era precisamente
da agua florida...

Accredendo extremamente, com
muito gosto a bocear verificou en-
tão, contrariada, que a esposa esta-
va d'atada de braços, de costas para
elle e que elle tambem estava de
braços.

FIM CENHA.

O' menina, ó Dona Aquella,
vinda do quanto andar,
por quem és, chega á janella,
quero um conselho te dar.

Bate nos á porta o dia
do maldois curralado,
para muitos de alegria,
para não mais grande mal.

Já te vejo o dia inteiro
na gloria fabricada,
de lindos, os quaes de cheiro
dizes ser, mas que não são.

Todos os amos tu gastas,
á janella mal me és,
denuncio de duas pastas,
quasi sempre mais de tres.

Este anno... Ouve o conselho...
Não te pasases, posso o dar,
pois des doíste o mais velho
Vae ao Cera perguntar.

Este anno, denio perfeito,
ouve o conselho por fim:
os amos que tens no peito,
em vez d'outros, joga em mim.

Pode legal se sem medo,
podes legal os, são teus;
não tiro ter no lagado,
calhã nos labios meus.

GAZETINHA

Do Jornal do Brazil do dia 30:
— Dehoro que não res-
ponde por conta alguma
de uma feita por Carro-
lina, filha dos Neves, e
Souza Netto, Neves, e
Souza Netto.

Letras boni! Compreenderam!
Vou explicar-lhes o que isso é.
A Srta. Carolina pelo que vejo
trata de andivar o pobre do Ne-
ves, que se vê albardado com os
pajanses.

Parco é primeira vista que o
Neves tem razão e que a Srta. Car-
olina a respeito de senso é como a
louca, nem um pires! Não lhas
pauze!

Pois bem: eu proponho ao de-
fensor da Srta. Carolina, emquanto
que ao Neves só uma phrase me
escapa:

— Então queves cuspir no prato
em que comestes! Então depois
de toda a fufaria... cada um vae
para o seu lado?...
Ora, o Neves!...

SONETO

Por certo que hei de amar ella
Que quer ella queira, quer não;
Já eu, tu meo coraço,
Já sinto como uma ella!

Essa fada a quem adoro,
Eu tenho provas cá, della;
Quero amá-la e só a ella
Por fiquem amor haploro.

Se me por der cada trovã
Que brada do coraço,
Um beijo de boa prova,
Eu passarei só já nella.
No cume da gratidão,
Como não hei de amar ella!

GANNA FOUO.

O pequeno André perguntou a seu pai:
— Papae, como se chama o pai d'um burrico?
— Derru meu filho.
Então porque é que tu me chamas continuamente burrico?

PREMIOS DO RIO NU.

No nosso penúltimo número foi premiado: no Mito a concorra, AZ DE OUTROS, que obteve o primeiro lugar; na Nossa vitória foi LIXCO-S, quem primeiro conseguiu montar todas as questões. Ambos podem vir ao nosso escriptorio receber o premio.

MOTTE A CONCURSO

Continúa aberta esta seção. Da redação em cada numero duas versos que devem ser glosados pelos concorrentes, obtendo, como premio, aquelle que melhor colligação tiver, um volume a escolher da Bibliotheca Familiar Moderna, editada pelo Ilustre Domingos de Magalhães. O resultado deste concurso será sempre publicado com intervalo de um numero, sendo as glosas recolhidas até o dia da publicação do numero antecedente.

Para o motte —
Vi embaixo da mangueira
A dona Rosa gemendo

recebemos as seguintes glosas:
Ella — travessa e brejeira
Ella — enxada, adregante, fugida ao sol escaldante,
Vi embaixo da mangueira;
— Que tem porquiza o Pereira
Pois Você está tremendo!
— Eu não já estou tremendo,
A sua enxada a trez;
Diz em toda a capidex
A D. Rosa gemendo

AZ DE OUROS

Oh! que grossa bricoladeira!
Chega a ser patifarra
O quadrão de um outro dia
Vi em baixo da mangueira;
— Que tem porquiza o Pereira
Pois Você está tremendo!
— Eu não já estou tremendo,
A sua enxada a trez;
Diz em toda a capidex
A D. Rosa gemendo

FERRÃO, DURO & C.

Trepava a Rosa Pereira
Na mangueira do Cunchelo,
E que bello e grande cacho
Vi embaixo da mangueira!
Deo-me logo tal cegonha
Essa fructa em cima vendu
Que ella mais tarde desendo,
Tão contente se mostrou
Que o tal negocio acabou
A D. Rosa gemendo.

V. R.

A convenção isto aqui elaira:
Não em honra, era um farrão
Quem n'uma tarde do outono
Vi embaixo da mangueira,
Atrocen-se a vella freira
E no chão a entendo,
Foi mettendo o fã mettendo
Foi lhe mettendo o sapo,
E depois deixou sem da
A D. Rosa gemendo

FREI SINETA.

N'uma grossa pagodeira
Eu ganchoeira folia,
Ferro Duro & Companhia,
Vi embaixo da mangueira,
Durante uma tarde inteira
Foi-se o pagode estendendo,
N'um formidavel esacado,
Té que á noite, tudo findo
Alguem ponde ouvir, sorrindo,
A dona Rosa gemendo.

DR. CURINGA.

Neve mizes são passadas
Que á Rozinha mangabeira
Eu noiva, os dois agrados,
Vi embaixo da mangueira,
Esqueci-me d'essa mencia
Como tudo ando esquecendo
Mas por fim lembrei-me, vindo
Da janella do meu quarto
Nas circumstancias de um parto
A D. Rosa gemendo.

PADEME MARO

Vinha eu com a parevira
A pé, por não ter vietas,
Querendo morder alguém,
— Vi embaixo da mangueira,
— A Rosa e mal o Pereira,
Ficando logo tremendo,
Fui me ligeto esquecendo
Por detrás de um muro ali.
Prestando attenção ouvi
A dona Rosa gemendo.

PARABITA.

O José da Amendoira
Em conquistas um portento,
Co' a Rosa, mulher do Bento,
Vi embaixo da mangueira;
Que veio de brucadeira!!
Um, e outro, se escondeudo!!
Elle todo se espremeudo
Como quem acuba..... a vida,
E por laizo, derretido
A dona Rosa gemendo...

ROUPA VELHA

N'uma grossa bricoladeira,
Deveras muito fogosa,
A formosa dona Rosa,
Vi embaixo da mangueira,
Destada sobre uma estera
Com o primo Rosendo,
O qual fustilinha fazendo,
Foi-lhe a perovia empurrando,
Pois ouvi de quando em quando
A dona Rosa gemendo.

COCCAS & COMICIZES.

Para o proximo numero offerecemos o seguinte motte:
A sobrinha do Ventura
Só trabalha por dinheiro!

— Não recebamos as decifrações deste numero até sexta-feira. Serão inutilizadas as que nos chegarem depois.
As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervalo de um numero, recolhendo-se o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.
Ao primeiro decifrador correctos, como premio um volume, a escolha, da Bibliotheca Familiar Moderna editada pelo Ilustre Domingos de Magalhães.
Accertando-se em alguma que não deve ser considerada uma scriptura só de uma linha.
O premio de cada numero são contados, não por quantidade de fructa, ou por trabalhos publicados.
Serão desqualificados por distribuição das palavras, que foram associadas, primeiros colaboradores e decifradores, no dia de cada numero.

III
O carrete deste homem é seo se meliante—1-2.

DO DOND-CAR.

IV

O Deus na musica é concervo—1-1.

LOVELLACT.

V

Não negues que leva dentro por ser inutil 1-2.

MYOS-TIS.

VI

No buraco do parente ha um ranudo 1-2.

K. TURRINHA.

VII

Na coisa da mulher tem ad 1-2.

GUIME

VIII

Aqui, de banda, não diz nada 1-2.

R. T.

—

POR SYLLABAS

IX

LOGOGRIPIO

A primeira com segunda
Na Africa encontraras.
Juntado segunda a tercia
Grande barullo verás.

A primeira com terceira
Um traficante te'lla
O conceito é orfã,
Manda, pois, decifração.

FREI SINETA.

—

INVERTIDA

X

As direitas, uns igrejas
Collegas, podem fazer
As avessas, com certeza
E' bem difficil de ver.

FREI K. OLHO.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

XI

O que é? O que é?

Qual é a filha que nunca foi usada!

DR. CURINGA.

XII

Qual é a fructa que tem o carrego por fora da casa!

K. LADO.

ACHAR PROVERBIOS

Comegamos hoje esta nova seção para recreio dos leitores de Rio Nô

Davemos em cada numero uma historia qualquer, em quadras ou sextilhas, cuja conclusão será sempre um dos muitos proverbios da nossa lingua.

Chama-se leitor descobrir qual esse proverbio encerra nas decifrações. Aceitamos collaboração na que seja original. Nada do Plim-Plim! As decifrações serão publicadas sempre com um numero de intervalo, como nas charadas.

Para o primeiro decifrador, offerecemos como premio os Cantos Populares do Brazil e de S. Romero.

Ahi cas, pois, a nossa primeira questão.

N. 1

Era o Jeca um bom catreiro
Muito amigo do patrão,
Um honrado taverneiro
Mas um pouco moleiro.

A mulher muito novinha
Arbava o typo heocio
Mas o catreiro não tinha
A pretensão de ser socio.

Saltinho o patrão á rua
Eis a patrão que o chama,
Mas o moleiro reza
Vendo a delada na cama.

Desde esse dia o patrão
São mais p'ra o Jeca se enfeita,
Diz o ditado: .

NOSSA ADIVINHA

Alfany salt qui and y penes.

LOGOGRIPIO-ENIGMA

E retondo, meu leitor-3, 4, 1, 7
E grosso, fino e comprido, 8, 3, 1, 7
Tem bom cheiro e bom sabor, 1, 2, 3
Tem e, tem e, conferido 4, 7, 5, 1; 3

D. PACHOLA.

II

CHARADA ANTIGA

(AO DR. CURINGA)

Sempre gostei, Mariçota,
Do teu passaro feijaz—3
Si bem que sem cheiro ás vezes,
Não seja lá p'fragrada.

Mas tu queres, Mariquinhas!
E' patado tão decidido!
Melto e deute com alegria—1
Nesta ave bem conhecida.

— Não recebam as decifrações deste numero até sexta-feira. Serão inutilizadas as que nos chegarem depois.
As decifrações e a lista dos decifradores serão sempre publicadas com intervalo de um numero, recolhendo-se o resultado até o dia da publicação do numero antecedente.
Ao primeiro decifrador correctos, como premio um volume, a escolha, da Bibliotheca Familiar Moderna editada pelo Ilustre Domingos de Magalhães.
Accertando-se em alguma que não deve ser considerada uma scriptura só de uma linha.
O premio de cada numero são contados, não por quantidade de fructa, ou por trabalhos publicados.
Serão desqualificados por distribuição das palavras, que foram associadas, primeiros colaboradores e decifradores, no dia de cada numero.

QUEBRA-CABEÇAS

Derivação —
Linha 12, Dr. Curinga 12, Ferrão, Duro & C. 12, Parasta 12, Fernão, Mangueira 12, etc. 11. D. Pachola 12, Frei Sineta 12, Dr. Rocha 12, K. C. 12, Valete de Oiro 12, Botina 12, Lovelact 12, Myosotis 12, Corgas & Comichões 11, Frei Pinha 12.



— Mauá, eu vou comprar
Duzentos réis no pavão;
— Filhinha, se va jogar,
Compra tambem no



Bernardo pombou. O homem não queria assim confessoras marido de uma mulher que recobri bilhetes, cuja procedencia não lembra. Achou esse-vel aquelle expediente de outro e, como já tinha utilizado o grande cartão, foi tratando de se por no fresco, muito contentissimo com a sua resolução por ter aberto os olhos a um dos muitos meios que, ás vezes, se encontram por esse vale de lagrimas.
— Pois não João, não logo. Eu hei de querer mandar fazer uns sapatinhos desses n'os portugueses.
— Quando quiser, seu Bernardo, disse João do Cunchu, distrahido.
— Então, até logo.
— Até logo.
E mal o Bernardo doitou a primeira esquina, o sapateiro entrou logo e, firma que tinha no mão o, pediu precipitadamente o chapéo no cubra, foi tratando de fechar as portas da tenda.

(Continúa.)

FOLHETIM A VINGANÇA

UM SAPATEIRO

PRIMEIRA PARTE A DUVIA

— Sim. Pois o senhor não tem um aprendiz?
— João da Cunha percebeo que o Bernardo não tinha novidade nenhuma e para dizer alguma coisa vicia com aquella historia de aprendiz. E, a rir o a bater a seila, foi dizendo que não sabia, que não tinha aprendiz nenhum e por isso a que achava que o serviço era muito.
— Então aquelle moço o que é? perguntou Bernardo.
— Que moço?
— Aquelle que trabalha aqui? disse João da Cunha, espantado. O seu Bernardo, parece que Vossacem não está com uma cabeça a regular direito.
— Pois aqui não trabalha um moço, seu João?
— Ninguém, seu Bernardo. Vossacem não anda enxergando mal. O unico

moço que trabalha aqui sou eu, e isso mesmo já estou um localinho velho. Bernardo sabia perfeitamente isso, que ali só trabalhava elle. O outro, esse, trabalhava lá, na outra casa da rua abandonada e deserta, e não era aprendiz—era socio. Talvez até mais do que isso. Bem elle o sabia, bem! Mas elle não convinha dizer desde logo, assim, abruptamente, sem mais nem menos. Não. Era preciso fazer as coisas com gallo, dovarar, e elle Bernardo, que era apaixonado do governo, nunca fexra presa alguma em servir a seu amo. O governo que se lixasse e que fosse esparado; não tinha interesse para se lutar, não! Naocca para viver e, assim, não lhe levava bem cultr como na banca em cima do sapateiro. Iria do vagar e por isso é que parera um rodeio, com aquella historia do aprendiz. Que não havia aprendiz, sabias elle e a leoa, e lá se o aprendi! Mas havia de chegar lá, com gallo, sem esparar muito e outro, a foi produzindo destinal aquella meada com uns tres de deslepra.
— Então, disse elle, foi enganar meu. Mas é seu moço de recendo?
— Que moço, homem?! Que recendo, seu Bernardo?! Vossacem parece que está enganado. Olhe que eu sou o filho da Cunha, sapateiro, catholico e sem filhas.
— São, não. Então elle passa muitas vezes por aqui...
— Elle, quem? homem de Deus!
— Que moço?
— Que leva os recandos?
— Que recandos, seu Bernardo? Foi

algum dia lhe mandei algum recendo. O senhor parece que tebei hoje a sua pinga.
Bernardo, entretanto, riu d'ellas admittendo do outro. Como não havia elle de se admittir, evitou! Foi aquillo tudo em uma invenção para chegar ao fim da sua visita.
— Não bebi, não, seu João, disse elle por fim, tem esta a dizer asneiras. Não é nada para admittir que um moço que leva os seus recandos seja seu aprendiz.
— Mas se eu já lhe disse que não tenho aprendiz e nem mando recandos...
— Não manda recandos?! perguntou Bernardo, fingindo-se tambem admirado.
— Não senhor, não mando recandos a quem?
— Não digo que seja a mim. Mas, com franqueza, o senhor não manda recandos?
— Não, homem!
— Então é que não são mandados pelo senhor.
— Mas que recandos? com todos os diabos?!
— Que são para B. Rozinha, disse Bernardo, como uma pessoa que diz a coisa mais util do mundo.
— P'ra minha mulher?! perguntou João, atirando á soda para longe. Recandos para minha mulher?!
— Pois não é o senhor quem manda? perguntou Bernardo.
— E?! Eu não mando recando no mundo! Mas o senhor está bem certo do que diz? E' moçoça a sua casa. Veja lá seu Bernardo! Não será para o vilinho do lado?

— Não, senhor; era p'ra lá mesmo.
— E quem ditou leva esses recandos, homem?
— O outro.
— Que moço?
— O aprendiz.
— Ora, bôna, seu Bernardo! Não sei quantas vezes já lhe disse que não tenho aprendiz!
— O que eu pensei que era o aprendiz.
— Pessoa como? disse João da Cunha que já tinha perdido toda a sua calma e a sua voz bricolheira.
— Porque elle lá levou os recandos. Ora, para uma pessoa levar todos os dias os recandos de outro é preciso que seja seu empregado.
— Mas se eu não mando recandos a ninguém...
— Então derrete. E' que eu pensei que mandava. Mas que os recandos vão do certo. Isto tenho eu visto e muitas vezes.
Jede da Cunha estava sechando. Aquella palavra de Bernardo eschillou-lhe no ouvido como um ruzas ruzas. A lembrança de que a mulher recandia recandos, todo elle era um desespero fundo e sentiu-se já ultrajado, vilipendiado, esconceido e afrontado a dedo.
— Recando recando? Oh! era infame. E de quem? Quem é que lhe mandava recandos em casa, quem?
— E o sapateiro, abafado, descomodo, quasi sem respirar, sentou no tripice, ficou mudo, presa daquelle esparado, com o olhar seco, estando sem ver, empantado Bernardo, distrahido, fingia examinar umas botinas de verniz que estava na prateleira.
Por fim, como se acordando de um pe-

